

## O EFEITO DE VERDADE NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DOS BOATOS

### *THE EFFECT OF TRUTH IN THE HOAXES DISCOURSIIVE WORKS*

Silvânia Siebert  
Doutora em Linguística Aplicada  
Universidade do Sul de Santa Catarina/Tubarão (UNISUL).  
(silvania.siebert@unisul.br)

Israel Vieira Pereira \*  
Universidade do Sul de Santa Catarina/Tubarão (UNISUL)  
(israelvpereira@hotmail.com)

**RESUMO:** Buscamos neste artigo discutir sobre o efeito de sentido de verdade do boato tendo como base para a análise os estudos discursivos. Para a análise discursiva adotamos como objeto o boato da realização do show do *Radiohead* durante o movimento *Occupy Wall Street*. Partimos do pressuposto de que o boato assume o lugar de Verdade Fatural por conta dos critérios discursivos de produção e interpretação de enunciados. Concluimos, então, que o boato pode ser interpretado, ao criar um efeito discursivo de verdade que materializa o real possível subjetivo, como Verdade Fatural, estabilizando os sentidos para o sujeito.

**Palavras-chave:** Discurso. Boatos. Verdade.

**ABSTRACT:** In this article, we aim at discussing about the effect of meaning of truth from hoaxes through an analysis based on discursive studies. To conduct such analysis, we will adopt as our analysis object the hoax about a Radiohead show that was going to happen during Occupy Wall Street. We presuppose that the hoaxes assume themselves as Factual Truths because of the discursive criteria of enunciates production and interpretation. We concluded that the hoax can be interpreted as a Factual Truth by creating a discursive effect of truth that materializes a subjective possible reality, establishing the meaning to the subject.

**Keywords:** Discourse. Hoaxes. Truth.

### Introdução

Neste artigo<sup>1</sup>, procuramos analisar o funcionamento discursivo do boato, realizando aproximações com os estudos da filosofia e da linguagem. Enfatizamos neste gesto interpretativo a noção de verdade, pensada a partir de Michel Foucault

---

\* Mestrando em Ciências da Linguagem. Bolsista CAPES/FAPESC. Linha de Pesquisa: Texto e Discurso.

<sup>1</sup> Este estudo é desenvolvido a partir das discussões realizadas nos grupos de pesquisa GADIPE (Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso: Pesquisa e Ensino) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Agradecemos também às instituições CAPES e FAPESC pelo apoio que conferem às nossas pesquisas.

(2013), Hannah Arendt (2011) e Marilena Chauí (2001). No campo discursivo, procuramos estabelecer relação com as reflexões sobre verdade a partir de Pêcheux (1997, 2014<sup>a</sup>, 2014b), Charaudeau (2005), e sobre o funcionamento discursivo do boato em Orlandi (2012b).

Entendemos que a Análise do Discurso nos permite problematizar a estabilidade dos sentidos e a ideia de uma língua cujos significados possam ser interpretados numa suposta plenitude. Para Pêcheux a questão central da AD é construir interpretações, sem neutralizá-las e sem ter a pretensão de ser universal (2014a) e o discurso “só pode ser concebido como processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base. A saber, a materialidade linguística” (1997, p.179). Orlandi considera a AD como uma “antidisciplina, uma desdisciplina, que vai colocar questões da linguística no campo de sua constituição, interpretando-a pela historicidade que ela apaga em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam”. (1998, p.25). Possenti entende que (2013, p.360) “a AD não aceita que, dada uma palavra, seu sentido seja ‘óbvio’, como se estabelecido por convenção ou como se a palavra pudesse referir-se diretamente à ‘coisa’”. Para os estudos discursivos, não há relação direta entre o mundo e a linguagem, cabendo ao discurso estabelecer uma ligação entre imaginário e realidade: “a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão direta à realidade. Daí o efeito de evidência, sua ilusão referencial”. (ORLANDI, 1998, p.32).

Apesar de não terem essa ligação direta com o real, as palavras, através de modalidades que ficarão conhecidas por esquecimentos número 1 e número 2, conforme propõe Pêcheux (2009), causarão um efeito de literalidade e concretude. Entende-se por esquecimento de número 2 o que “produz em nós a impressão de realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2013, p. 35). Através desse esquecimento, o boato se materializa, pois o sujeito pressupõe que o enunciado só pode estar vinculado a uma realidade material objetiva, a um acontecimento. Por outro lado, o esquecimento número 1 “dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2014, p. 162). Orlandi (2013, p. 35) interpreta que esse esquecimento é “da instância do

inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia”. Ou seja, o sujeito, ao falar, tanto acredita estar na origem do dizer quanto supõe que seu enunciado não dá brechas para outras interpretações. A elaboração de um boato, como veremos adiante, envolve essa projeção ideológica de um sentido que não poderia ser outro que não o cogitado.

### **Discurso e boato**

A definição discursiva de boato foi dada por Eni Orlandi em sua obra “Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos”. Segundo a autora, o boato é “notícia anônima que se expande publicamente sem confirmação” (ORLANDI, 2012b, p.134). A circulação dessas notícias se dá por causa da necessidade discursiva de dar sentido a certos fatos e pré-estabelecer uma realidade.

Percurso de migração de sentidos, o boato configura um sítio de significação em litígio, inexistente mas ainda não estabelecido; o boato circula no anonimato, de forma geral, publicamente. Em diferentes versões, formas de um dizer indistinto. Realidade presumida que precede o estabelecimento de um dizer bem ancorado na ordem do discurso, derivando de uma relação consistente do real da história com o real da língua. (2012b, p. 138).

Neste funcionamento, a relação entre o real histórico e o discursivo é representada pelo conceito discursivo de Condições de Produção. As Condições de Produção dentro da AD são o conjunto de fatores ao qual devemos relacionar tanto a um sujeito de enunciação historicamente concebido quanto a “uma situação de enunciação determináveis em relação a certo número de coordenadas espaço-temporais e mais geralmente circunstanciais”. (COURTINE, 2009, p.108). Essas condições são determinantes em relação à posição do sujeito da enunciação, o que afetará seu discurso. Desta maneira o boato materializa uma realidade que pode ser comentada e gera discussão. Ao circular, a informação de caráter duvidoso se converte em verdade, porque para o sujeito o dizer faz sentido. Orlandi (2012a, p. 50) afirma que, em nível de formulação, o sujeito “já tem sua posição determinada e ele já está sob o efeito da ilusão subjetiva”. Portanto, o sujeito assume uma posição materialista que legitima e confere sentidos ao seu discurso. Essas posições também têm outra função: categorizar o mundo e torná-lo semanticamente mais

transparente. Segundo Pêcheux (2015, p.34), essa necessidade de um mundo semanticamente normal “começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos”. Ou seja, na relação valorativa entre a própria posição e a dos outros, numa constitutiva relação de forças, exemplificada por Orlandi da seguinte forma:

Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fieis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2013, p. 40)

Em suma, a constituição do discurso se dá na relação antagônica entre fatores históricos, sociais e subjetivos. O sentido, por sua vez, se daria na interação entre os discursos, no que a AD chamará de **interdiscurso**. “Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28). O sentido, então, seria fruto da atuação de um conjunto de discursos historicamente reunidos na esfera da memória subjetiva. Ao interpretar, o sujeito tem em sua disposição uma série de discursos que dá forma à interpretação e a antecipa.

Desse modo, poderíamos concluir que o boato, para existir, depende de uma situação histórica específica e do apoio de outros discursos para se tornar legítimo, já que ele “é ocasião de arregimentação de discursos sociais disponíveis” (2012b, p.146). Através da reunião desses discursos disponíveis, forma-se um discurso possível. Entretanto, poderíamos aqui trazer a pergunta: possível para quem? Outra pergunta que surge após as reflexões sobre os boatos e a língua trazidas pela Análise do Discurso é: até onde é possível, dentro do campo discursivo, falar de um discurso verdadeiro? Para elaborar tal discussão, nas próximas seções traremos como *corpus* o boato do show do *Radiohead* durante o movimento *Occupy Wall Street*, realizado em Nova Iorque em 2011.

## O problema da verdade na filosofia e no discurso

Segundo Marilena Chauí, a verdade, dentro de uma perspectiva dogmática, poderia ser definida como aquilo “que funciona e não surpreende”. (CHAUÍ, 2004, p.95). A ideia de verdade, como aponta Chauí (2004), parte de três concepções diferentes vindas do hebraico, do latim e do grego: *Alétheia* (a verdade como manifestação visível da realidade), *Veritas* (o quanto um relato seria exato) e *Emunah* (a verdade de ordem divina), respectivamente. Na sociedade moderna, cada uma delas pode ser mais ou menos preponderante de acordo com a situação e os sujeitos envolvidos, mas elas costumam permanecer unidas. Nas palavras da autora (2004, p.96) “nossa concepção da verdade abrange o *que é* (a realidade), o *que foi* (os acontecimentos passados) e o *que será* (as ações e acontecimentos futuros)”.

Essa concepção ainda parece estar ligada à ideia de “descrição detalhada de um fato” sob três perspectivas espaço-temporais diferentes. Acreditamos naquilo que vimos, escutamos e, de alguma maneira, projetamos. Independentemente da concepção adotada, quaisquer formas de verdade preponderantes causariam um efeito bastante pertinente nos campos sociais, uma vez que “são opostas à opinião em seu modo de *asseverar a validade*. A verdade carrega dentro de si um elemento de coerção”. (ARENDR, 2011, p.297).

Foucault, por sua vez, questiona a proposta de verdade objetiva, definida pela ciência e pela história. Para o autor, a verdade é de teor subjetivo, pelo qual “um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios-de-objeto, certos tipos de saber” (FOUCAULT, 2013, p. 20-21). À perspectiva discursiva, a aceção foucaultiana de verdade subjetiva faz sentido. Michel Pêcheux, em “Semântica e Discurso”, defendia que até mesmo a prática científica, supostamente encarregada de mostrar o verdadeiro, implicava em uma “tomada de posição pela objetividade” (2009, p.183). Ou seja, a busca por uma verdade objetiva também tem sua subjetividade. Patrick Charaudeau contribui com a discussão ao dizer que não devemos confundir valor de verdade ( que se realiza com uma explicativa) e efeito de verdade (surge da subjetividade do sujeito), uma vez estes termos estão relacionados a diferentes sentidos, a verdade e a crença, para ele “a questão da

verdade está marcada pela contradição: a verdade seria exterior ao homem, mas este só poderia atingi-la (finalmente construí-la) através de seu sistema de crenças”. (CHARAUDEAU, 2013, p.49). Segundo ele, o efeito de verdade “não existe, pois, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial, no qual cada um dos parceiros da troca verbal tenta fazer com que o outro dê sua adesão a seu universo de pensamento e de verdade” (2013, p.49).

Nessa perspectiva a objetividade e a “verdade dos fatos” se dão na discursividade. Esta, por sua vez, não se materializa se não estiver ligada a um sujeito. Hannah Arendt, em sua obra “Entre o Passado e o Futuro”, opõe as diversas verdades (a filosófica, a religiosa) ao conceito de verdade fatural. Diz ela que a verdade fatural,

[...] relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade. (ARENDR, 2011, p. 295).

A verdade fatural seria aquela conhecida por todos e, ademais, comentada e discutida por todos. Seria uma circunstância conhecida universalmente – o *World Trade Center* foi derrubado em 11 de setembro de 2001; Lula foi eleito presidente do Brasil em 2002; etc.. Porém, se essas verdades existem apenas na medida em que se fala sobre elas, então elas produzem efeitos diversos para sujeitos igualmente diversos e não são tão transparentes quanto se esperaria que fossem.

Para melhor discorrermos sobre os critérios que os sujeitos adotam para tomar algo como verdadeiro, trazemos um recorte de um boato que circulou entre os dias 27 de setembro e 3 de outubro durante o movimento “*Occupy Wall Street*”, de que a banda *Radiohead* poderia realizar um show para os manifestantes.

### **Show do *Radiohead*: espetáculo do boato em análise**

O *Occupy Wall Street* foi um movimento de 2011, cujas origens são atribuídas à revista canadense de posição política de esquerda *Adbursters*. Nas palavras do analista político Flávio Morgenstern (2015, p.38):

O *Occupy Wall Street* foi orquestrado pela revista de esquerda radical canadense *Adbursters*, que conclamou um protesto contra a austeridade e o socorro do governo americano a instituições que

quebraram com a crise financeira mundial em 2008 ou que quebrariam não fosse o governo injetar o dinheiro dos pagadores de impostos em instituições falidas, seguindo a teoria *too big to fail*. Ou, ao menos, era este o nome fantasia do primeiro movimento de massa organizado em rede contra o capitalismo na América.

Pela necessidade de mais apoiadores, o manifestante Malcolm Harris, após ouvir um dos manifestantes sugerir que seria interessante ver o *Radiohead* tocando para o *Occupy*, decide espalhar o boato de que a banda realmente iria se apresentar para o grupo. Sua primeira investida em relação a isso se dá na revista eletrônica “*Jacobin*”, que faz análises a partir de um ponto de vista de esquerda de eventos políticos e culturais. Harris assina o artigo “*Occupied Wall Street: Some Tactical Thoughts*”.<sup>2</sup> No texto, após criticar os manifestantes por não fazerem mais do que permanecer em um espaço ao invés de ocupá-lo e agir ativamente por seus objetivos, ele sugere que seria uma boa ideia se o número de pessoas ocupando o Zuccoti Park crescesse ao ponto de ocultar os militantes mais ativos. Nesse trecho, Harris afirma: “*I heard unconfirmed reports that Radiohead is planning a concert at the occupation this week*”<sup>3</sup> (HARRIS, 2011). A “não confirmação” por si só é um primeiro passo para a legitimação e difusão do boato, já que ele “produz um efeito de verdade a partir de palavras não asseveradas”. (ORLANDI, 2012b, p. 136). Ademais, não fica claro quem concedeu ao autor do texto as informações sobre o possível show, o que prefigura a falta de uma autoria.

O autor do boato prossegue afirmando que a história faria sentido, pois o *Radiohead* é uma banda que se posiciona à esquerda no espectro político e estava em Nova Iorque para um concerto no *Roseland Ballroom* no dia 29 de setembro, poucos dias depois da publicação do artigo de Harris na *Jacobin*. Entram aí as Condições de Produção que legitimam a história e a transformam em verdade.

Sintoma de que ‘aí’ há sentidos, o boato é uma resposta discursiva à necessidade de significar, trabalhando a relação entre causa e consequência. À procura de um dizer possível, em suas diferentes posições, os sujeitos produzem versões plausíveis, explorando um espaço de significações. (ORLANDI, 2012b, p. 145).

---

<sup>2</sup> Em tradução livre: “*Wall Street Ocupada: Algumas Reflexões Táticas*”.

<sup>3</sup> Em tradução livre: “escutei afirmações não confirmadas de que o *Radiohead* está planejando fazer uma apresentação para a ocupação esta semana”

Nos atos comunicativos em geral, os sentidos são construídos institucional e historicamente. Dessa maneira, para uma informação fazer sentido, é preciso que ela se ancore nessas Condições de Produção. “A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscribe, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo na qual é posta em funcionamento” (CHARAUDEAU, 2013, p. 36). Para que uma informação faça sentido, ela depende da cadeia interdiscursiva para gerar significado e se configurar como acontecimento passado ou possível. O boato sobre um possível show começa a se legitimar e ter sentido por conta das informações que o precedem: a banda envolvida estava em Nova Iorque; a banda envolvida se identifica com movimentos políticos de esquerda; uma revista de esquerda já comentara a possibilidade de uma apresentação da banda.

O boato continua a circular e a produzir sentidos na internet, o tabloide online *Gawker*, no dia 30 de setembro de 2011, publica uma matéria sobre o possível show após o seu editor Adrian Chen conversar brevemente com Malcolm Harris pelo Twitter. No primeiro parágrafo, consta o seguinte:

*The Occupy Wall Street protesters camped out in Lower Manhattan's Zuccotti Park are buzzing over a big secret musical guest scheduled to play this afternoon at around 4pm. We hear that it's Radiohead, who are in New York for a couple concerts.”<sup>4</sup> (CHEN, 2011).*

Novamente, não há confirmação ou fonte alguma que legitime esse boato, mas a construção do enunciado cria o efeito de verdade. Na notícia, o autor não define nenhum representante do grupo e nem menciona manifestantes específicos. O tabloide reforça a história ao especificar que o grupo musical secreto seria o *Radiohead* ao afirmar que “escutou” essa informação e após confirmar que a banda está na cidade.

Para dar legitimidade ao boato, Harris cria uma conta no Gmail no nome de Bryce Edge, um dos empresários do *Radiohead*, e envia um e-mail ao comitê artístico do *Occupy*. Encarnando Edge, Harris “confirma” que o show do *Radiohead* vai acontecer e que a polícia já está ciente:

---

<sup>4</sup> Em tradução livre: “Os manifestantes *do Occupy Wall Street* acampados em *Zuccotti Park* na Baixa Manhattan estão comentando sobre um grande convidado musical secreto que tocará esta tarde, às 16h00. Ouvimos que trata do *Radiohead*, que está em Nova Iorque para algumas apresentações”



*My name is Bryce Edge, and I'm one of the managers for the band Radiohead. The guys are really impressed with what you have managed to pull off, and they wanted to stop by and play a couple songs in support before leaving New York. I don't want to create a big media circus that might worry the police or endanger what you've built ... [but] they have some unscheduled time Friday afternoon between 4 and 6, would that work? I read that the police aren't allowing sound equipment, but they could do acoustic. (MICHAELS, 2011)<sup>5</sup>*

Ao ganhar uma autoria “definida” e aproveitar determinadas informações – como o fato de a banda estar em Nova Iorque e a polícia não permitir equipamento de som no acampamento –, o boato passa a ser visto como uma verdade fatural, aquela que seria conhecida por todos. “Desde que se manifesta um autor socialmente visível o boato não é mais boato, e o comentário se torna palavra autorizada” (ORLANDI, 2012b, p. 137). Ao ocupar a posição-sujeito de empresário do Radiohead, Harris deu ao boato uma autoria e modificou o status dessa materialidade, conferindo legitimidade ao seu discurso.

A estratégia enunciativa produziu efeito, visto que houve um aumento de cerca de mil pessoas compareceram ao *Zuccotti Park* no dia em que o *Radiohead* deveria tocar (GRAY, 2011). Representantes do Radiohead viriam desmentir a informação publicamente pelo *Twitter* e através de um comunicado à imprensa no dia 30 de setembro de 2011, mas os organizadores do *Occupy Wall Street* e os manifestantes continuariam insistindo sobre a realização do mesmo (CHEN, 2011). Novamente, instauram-se as divergências e o show do *Radiohead*, confirmado por um dos “empresários” e negado por outros, retorna à sua dimensão de boato, que permanece vivo enquanto realidade “presumida que precede o estabelecimento de um dizer bem ancorado na ordem do discurso, derivando de uma relação consistente do real da história com o real da língua” (ORLANDI, 2012b, p. 138). O boato, ao produzir efeito, torna-se fato e ocupa seu lugar na história.

---

<sup>5</sup> Em tradução livre: “Meu nome é Bryce Edge e eu sou um dos empresários do *Radiohead*. Os rapazes estão realmente impressionados com o movimento de vocês e querem visitá-los para tocar uma ou duas músicas como forma de apoio antes de saírem de Nova Iorque. Não quero criar alvoroço na mídia que possa preocupar a polícia ou colocar em risco o movimento... [mas] eles têm tempo livre na tarde de Sexta, entre 16 e 18 horas, acham que daria certo? Eu li que a polícia não está permitindo o uso de equipamento de som, mas eles poderiam fazer uma apresentação acústica”.

## Conclusão

Um das questões do funcionamento do boato que nos chama a atenção é o de que o caráter de veracidade de um boato ganha força de acordo com suas Condições de Produção e conforme os discursos mobilizados para sua criação. “À procura de um dizer possível, em suas diferentes posições, os sujeitos produzem versões plausíveis, explorando um espaço de significações” (ORLANDI, 2012b, p. 145). Estabelece-se uma relação de causa-consequência que, por fazer sentido, deve(ria) representar a realidade. Vestígio dessa relação é o lamento feito pelo criador do boato após o *Radiohead* não tocar para os manifestantes do *Occupy*: “*Radiohead is an outspokenly left band; with the good they could do for the demonstrations, it seemed wrong of them not to play the occupation.*”<sup>6</sup> (HARRIS, 2011).

Discursivamente, o boato ganha sua força por causa do efeito de evidência provocado pela relação das palavras com a ideologia e com o interdiscurso.

Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento de interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. (ORLANDI, 2013, p. 46)

Poderíamos concluir que o boato representa uma tentativa de criar uma verdade que se estabiliza e que pode ser reconhecida por todos, explorando versões que envolvem, entre outros sentidos, a Verdade Fatural apresentada por Arendt. O boato, dentre outras coisas, reforça o conceito discursivo do efeito de evidência. Conforme os sujeitos envolvidos, o boato pode não ser compreendido como boato, mas como informação fatural, como notícia. Nesta posição, o sujeito leitor se permite pensar: por que uma banda de esquerda não toca num movimento de esquerda? Após toda uma circulação de discursos e sentidos, isso soa como uma traição não só aos sujeitos envolvidos, mas à própria realidade em si.

---

<sup>6</sup> Em tradução livre: “O *Radiohead* é uma banda abertamente esquerdista; com o bem que eles poderiam fazer pelo movimento, pareceu errado eles não virem tocar”.

## Referências

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. Ed. São Paulo: Ática, 2004
- CHEN, A. Radiohead is playing for Wall Street *protesters today*. **Gawker**, 30 set. 2011. Disponível em: <http://gawker.com/5845443/is-radiohead-going-to-play-for-wall-street-protesters-today>. Acesso em 3 out. 2015
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013
- GRAY, R. How Occupy Wall Street got hoaxed: the email from Radiohead's manager. **The Village Voice**, 1 out. 2011. Disponível em: <<http://www.villagevoice.com/news/how-occupy-wall-street-got-hoaxed-the-email-from-radioheads-manager-6701840>>. Acesso em 20 fev. 2016
- HARRIS, M. Occupied Wall Street: Some Tactical Thoughts. **Jacobin**, 27 set. 2011. Disponível em: <<https://www.jacobinmag.com/2011/09/occupied-wall-street-some-tactical-thoughts/>>. Acesso em 3 out. 2015
- \_\_\_\_\_. I'm the jerk who pranked Occupy Wall Street. **Gawker**, 14 dez. 2011. Disponível em: <<http://gawker.com/5845443/is-radiohead-going-to-play-for-wall-street-protesters-today>>. Acesso em 3 out. 2015
- MORGENSTERN, F. **Por trás da máscara: do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas o Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2015
- ORLANDI, E. P. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2012a
- \_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b
- \_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013
- MICHAELS, S. *Radiohead hoax rocks Wall Street protest*. **The Guardian**, 03 out. 2011. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/music/2011/oct/03/radiohead-wall-street-protest>>. Acesso em 24 fev. 2016
- POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2013

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. 1997.

\_\_\_\_. **Análise de discurso – Michel Pêcheux**. Textos escolhidos; por Eni Puccinelli Orlandi. 4ª edição. Ed. Pontes, 2014a

\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. Ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2014b

\_\_\_\_. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. Ed. São Paulo: Pontes, 2015

Recebido em 27 de fevereiro de 2016  
Aceito em 08 de maio de 2016